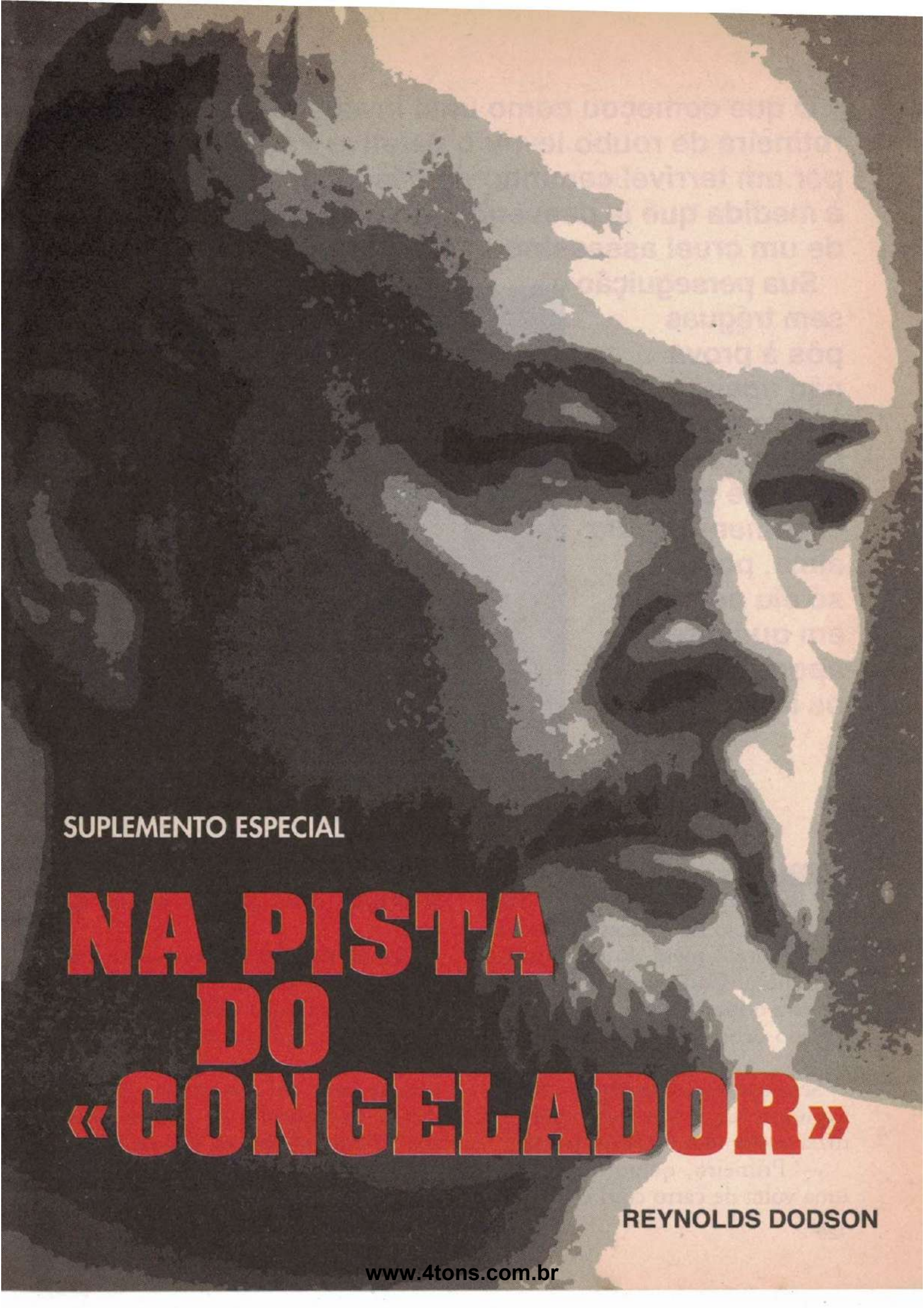




SUPLEMENTO ESPECIAL

NA PISTA DO «CONGELADOR»

REYNOLDS DODSON

www.4tons.com.br

O que começou como uma investigação rotineira de roubo levou o detetive Pat Kane por um terrível caminho de descobertas à medida que ia desvendando o trabalho de um cruel assassino.

Sua perseguição sem tréguas pôs à prova não apenas sua perícia de jovem policial, mas até seu casamento e sua alma, porque só ele percebia em que direção apontavam os indícios.



O DETETIVE Patrick Kane inclinou-se e olhou para o mapa cheio de marcas de lápis sobre a mesa do escritório de seu chefe. Cada uma delas representava o local de um roubo não resolvido ocorrido no Norte de Nova Jersey.

Seu superior, o tenente John Leck, explicava haver um informante que dizia poder identificar os ladrões.

— Primeiro, quero que você dê uma volta de carro com ele — disse

Leck. — Depois, confronte suas informações com todos os roubos de casas.

Patrick Kane não parecia uma pessoa engajada na luta contra o crime. Era magro e seus olhos castanhos não tinham malícia. A voz era suave, doce, e o sorriso, fácil e jovem, parecia nada ter a ver com o trabalho de investigador de polícia. Mas aos 33 anos ele já era um verdadeiro policial, o detetive mais jovem do quartel da polícia estadual de New-

ton, em Nova Jersey. Era também um policial extraordinariamente paciente, com um verdadeiro faro para o trabalho de investigação.

O informante que Kane encontrou naquele dia de 1981 estava nervoso.

— Faço o que você quiser — disse para Kane —, mas se a quadrilha descobre, minha vida não vale um níquel. Estamos lidando com gente muito ruim.

Kane pegou o informante e começou a dar voltas de carro para identificar os golpes do bando. Os locais estavam espalhados por três condados rurais. As estradas secundárias eram estreitas e tortuosas. Muitas das casas nem tinham números.

Com freqüência, o informante acenava com a cabeça.

— Aquela ali — dizia, apontando para uma casa que seu bando tinha pilhado.

Conseguia até descrever os interiores delas e listar as coisas que os ladrões tinham levado.

Foram precisos dois dias só para reconhecer todas as casas e semanas para confirmar os roubos. Quando Kane acabou, no fim de 1982, tinha inventariado 40 arrombamentos, resultando num número de 153 acusações contra cinco membros identificados do bando.

Seu trabalho parecia estar acabado. Só faltava prender os suspeitos. Depois, ele poderia tirar folga.

Kane era casado e tinha dois filhos pequenos. Gostava deles mais do que qualquer outra coisa, mas, desde que se tornara detetive, vinha

negligenciando-os. Apesar de estar lotado numa cidade pequena, não conseguia arranjar tempo para fazer todo o trabalho que lhe era passado. O número de casos era enorme, e os investigadores, poucos.

Agora, ele esperava ter um descanso. Terry, sua mulher, estava cada vez mais preocupada.

— Olhe que a semana que vem é Natal. As crianças precisam do pai — ela tinha avisado diversas vezes.

— Já confirmei com o John Leck e vou ter uma licença — respondeu Kane. — Não se preocupe, Terry. Estarei em casa no Natal. Prometo.

O destino tinha, porém, outras idéias. O chefe da quadrilha, um homem chamado Percy House, foi detido, mas dois de seus cúmplices tinham sumido.

— Lamento — disse Kane à mulher —, mas tenho de encontrá-los. O tenente está insistindo. Ele me considera o responsável.

Kane não estava muito preocupado com a captura dos dois desaparecidos. Gary Smith e seu amigo Danny Deppner eram contraventores de pequena monta. Nenhum dos dois era considerado particularmente perigoso. Aquilo não deveria levar muito tempo.

Bateu a área toda, veio o Natal e nenhum sinal dos dois. Enquanto seus filhos em casa abriam presentes, Kane jazia emboscado, à espera de que os ladrões aparecessem.

Mas o dia de Ano-Novo chegou e passou, e o detetive começou a se sentir incomodado. «Tem alguma coisa aí que está me escapando.»

Um dos mistérios do caso: Para onde teriam ido as coisas roubadas? O saque não era pequeno — de armas a carros. Passar tanta coisa requeria uma larga rede de contatos. O informante de Kane era frustrantemente vago no que respeitava a essa parte da operação. Tudo o que sabia, disse ao policial, era que havia um sujeito chamado Big Rich que costumava aparecer num lugar chamado «a loja», em Paterson. Seu sobrenome era Kuklinski.

Kane nunca tinha ouvido falar de Big Rich Kuklinski, e de qualquer modo ele não era sua prioridade. Primeiro, tinha de se concentrar nos suspeitos dos roubos; depois, poderia dedicar-se ao receptor.

Às 9 da manhã do dia 3 de janeiro, Kane estava sentado em sua sala, em Newton, quando um colega da polícia da vizinha cidade de Franklin lhe telefonou.

— Encontramos a mulher de Danny Deppner e a detivemos — disse. — Ela está histérica!

Kane franziu os lábios.

— Por quê? — perguntou.

— Não sei bem — disse o outro —, mas é melhor você vir até aqui. Pode ser que seus roubos tenham virado um homicídio.

Big Rich

A delegacia de Franklin ficava a 20 minutos de carro de Newton. Ao dirigir-se para lá, Pat Kane não podia imaginar o que ia encontrar.

O jovem detetive sabia que Deppner tinha uma mulher. Segundo

parecia, ela tinha querido ficar com a irmã, mas esta, assustada com o que estava ocorrendo, recusara-se a recebê-la. A discussão entre as duas foi o que levou os vizinhos a chamar a polícia.

Em Franklin, o detetive foi saudado por um sargento que o levou a uma pequena sala nos fundos, onde uma mulher, sentada, tremia fortemente. Barbara Deppner era uma loura frágil e tensa. Mãe de oito filhos, estava à espera do nono. Seu rosto, que fora bonito, tinha-se tornado macilento. Enquanto falava, rodava um anel num dos dedos.

— Meu marido, o Danny, me ligou — informou ela. — Ele e o Gary estavam escondidos num quarto do York Motel, no quarto 31. Um homem chamado Richard Kuklinski foi quem arranhou aquilo.

«Kuklinski», pensou Kane. «Olha esse nome outra vez.»

— O resto da quadrilha tem um medo pânico dele. Eu também — disse Barbara. — É um homem assustador.

Segundo ela, Danny Deppner e Gary Smith tinham telefonado a Kuklinski e pedido que os ajudasse. Big Rich tinha-os mandado se esconder no motel e exigido que não saíssem sem sua autorização, fosse por que razão fosse. Mas, segundo Danny contou à mulher, Gary desobedecera. Uma filha sua de 6 anos vivia numa cidadezinha próxima e, violando as instruções, Smith tinha deixado o motel e ido de carona ver a filha.

Quando Kuklinski descobriu, fi-

cou possesso e disse a Deppner que tinham de se livrar de Smith.

Danny contou a Barbara que Kuklinski saiu e voltou com três hambúrgueres. Dois tinham picles, o outro não. Este continha alguma espécie de veneno. Kuklinski entregou o hambúrguer envenenado a Smith e este o engoliu. Em poucos segundos, começou a arfar e caiu na cama, sufocando e contorcendo-se.

— Acabe com ele — ordenou Kuklinski a Deppner, que, aterrorizado demais para recusar, arrancou um fio de um abajur e usou-o para estrangular o moribundo.

Quando Barbara acabou sua história, Kane estava pasmo. Por que mataria Kuklinski aquele seu cúmplice? Por quê arriscar-se num assassinato por um simples roubo? Não fazia sentido. A pior pena que um receptador poderia pegar seria uns anos de cadeia. E aí esse sujeito envenenava outro só por uma insubordinação!

— Barbara — disse Kane —, isto é importante. Diga de novo o nome do motel e o quarto em que eles estavam, que eu vou confirmar essa história.

Telefonou para a polícia da cidade em que ficava o York Motel. De lá confirmaram que havia sido encontrado um corpo no quarto 31, tal como Barbara descrevera.

— Certo — disse Kane. — Agora me façam um favor. Voltem lá e me digam se há um abajur. Se houver, descrevam o que virem.

Uma hora depois, a polícia telefonava de volta. Havia encontrado

um abajur de mesa. Quando o ligaram, não acendia. Alguém havia arrancado seu fio.

Seguindo um rastro

Agora, Kane sabia que a história de Barbara era verdadeira. Passou a achar que Danny Deppner podia ser o seguinte. Era urgente encontrá-lo e detê-lo.

Quando voltou à sua sala em Newton, a habitual carga de trabalho o esperava: uma seção de entrada de correspondência cheia de relatórios e pedidos de seus superiores. Mas seu pensamento voltava sempre a Barbara. Não conseguia deixar de pensar em suas últimas palavras.

— Richard Kuklinski é o diabo — afirmara ela. — Você não faz idéia. Ninguém se livra dele.

Se o que ela dizia era verdade, Kuklinski perseguiria quem quer que o pudesse incriminar. Kane disse a Barbara que ela e seus filhos deviam ir para um local onde ele não os pudesse encontrar.

Quanto a Danny, achava que ele era duplamente vulnerável, tendo participado dos roubos e do assassinato de Gary Smith. Também precisava de proteção. Embora fosse claramente cúmplice, parecia que tinha sido forçado a matar seu amigo. Mas onde estava ele? Dez dias haviam passado desde que Danny telefonara à mulher. Kane resolveu investigar Big Rich Kuklinski. Onde ele morava? Que tipo de pessoa era?

Para surpresa sua, descobriu que vivia em Dumont, Nova Jersey, uma

cidade perto da de Kane e a poucos minutos de carro do York Motel. Big Rich era casado e tinha três filhos. Vivia numa rua calma, numa casa em estilo de rancho.

À primeira vista, parecia ser um homem de negócios como tantos. Pesquisando mais, ficou sabendo que ele tinha sido distribuidor de filmes, mas hoje se dizia negociante de moedas, fosse isso o que fosse.

Kuklinski tinha mantido um perfil discreto na polícia local, exceção feita a dois incidentes. Num deles, um carro cheio de adolescentes tinha-o incomodado de alguma forma, e ele reagira, partindo seu pára-brisa com um soco. No outro, uma mulher se queixara de Kuklinski por este ter encostado a seu lado enquanto ela estava parada num sinal vermelho. Alguma coisa o enfureceu; ele saiu do carro e enfiou o punho pelo vidro do lado do passageiro do carro dela. As autoridades o levaram para um interrogatório, mas não foram apresentadas queixas e ele foi deixado em paz.

Kane também visitou a delegacia de Dumont para ver o que lhe podiam dizer sobre aquele «cidadão comum». Acabou por falar com um detetive que se lembrava de Big Rich.

Ele havia sido levado à delegacia por um caso que envolvia cheques sem fundo, disse-lhe o detetive.

— Mas não fomos além da foto para sua ficha.

— Foto? — perguntou Kane.

— Claro — disse o detetive e exibiu-a.

Era o retrato de um homem ro-

busto, de barba e olhos frios e inchados.

— Se quiser uma cópia, eu arranjo — disse o policial de Dumont.

Kane levou a fotografia para sua sala. Lá, pegou uma pasta de cartolina, pôs-lhe o título KUKLINSKI e enfiou-a na gaveta superior direita da mesa. Sua investigação sobre os roubos seguia novo rumo.

Sabia agora qual o aspecto de Richard Kuklinski e que era um sujeito estourado. Isto estava a léguas de fazer dele um cruel assassino, mas ele não conseguia afastar da cabeça o aviso de Barbara Deppner. Gostaria de enfrentar o suspeito, mas, sem provas mais sólidas, tinha medo de alarmá-lo e fazer que se escondesse.

Continuou então atrás de mais informações. Curioso sobre o trabalho de Kuklinski como distribuidor de filmes, logo descobriu que ele vendera pornografia. O arquivo de sua gaveta começou a engordar.

Uma noite, depois de jantar, Kane conversava baixo com a mulher na cozinha enquanto as crianças viam televisão.

— Terry — disse ele —, acho que estou atrás de algo grande. Um homem foi morto e tenho a pista do assassino, mas vou precisar de muito tempo para segui-la.

Terry suspirou, lembrando com tristeza como as coisas tinham sido em seus primeiros anos juntos. Ela havia conhecido Kane quando ainda estava no secundário. Indo a uma festa perto de sua casa, em Sacramento, conhecera-o lá com os amigos de sua unidade da Força Aérea.

Seguiu com ele para o Leste, e um ano depois estavam casados.

Seus primeiros anos tinham sido felizes e despreocupados. Havia sempre tempo para acampar ou para alugar um vídeo.

Agora, porém, as coisas eram outras. Com duas crianças pequenas, tinham problemas para encontrar tempo e dinheiro suficientes. Ela já trabalhava em regime de meio expediente numa sapataria, mas precisava do apoio do marido.

— Pat — disse ela —, você sabe que estou do seu lado, mas, por favor, não se esqueça de que as crianças precisam de você e eu também. Não deixe que seu trabalho tome conta de nossas vidas.

— Vou dar um jeito — respondeu ele, mas um lado seu se preocupava em saber como manteria a palavra empenhada.

Insetos da morte

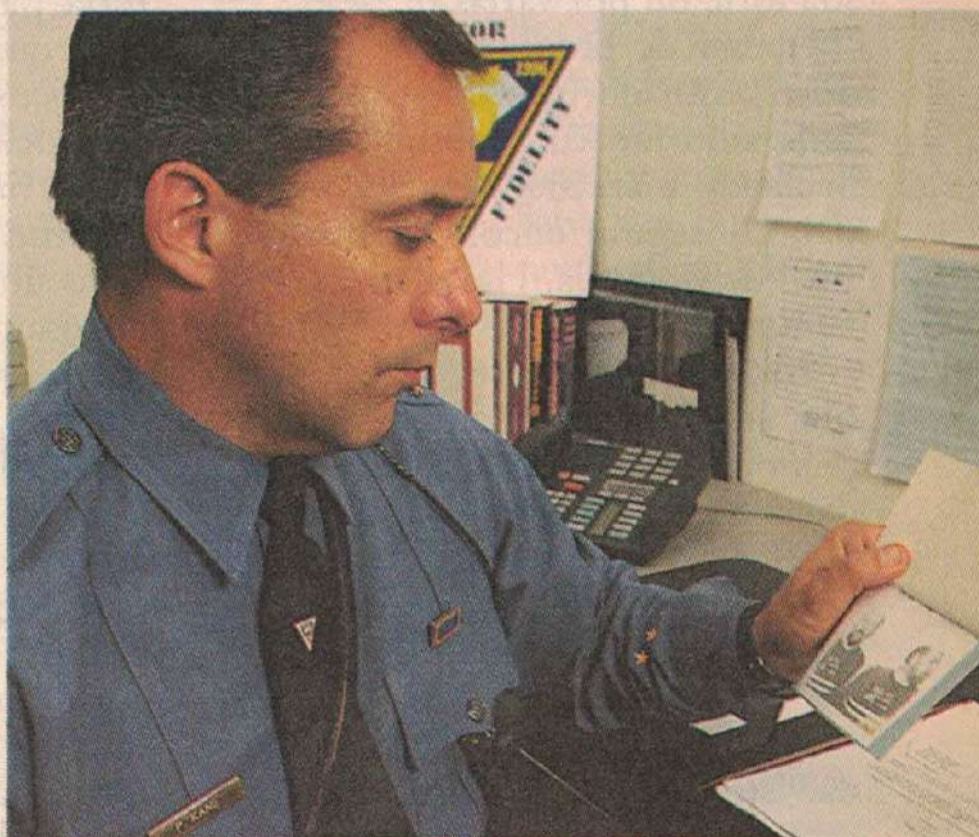
A 14 de maio de 1983, um ciclista rodava pela cidade de West Milford, em Nova Jersey. Ao se meter por um caminho isolado perto de um reservatório, estacou.

O que viu foi um pássaro grande e preto, uma espécie de urubu, bicando uns sacos de lixo. Através de um buraco num dos lados, saía o braço de um esqueleto.

O ciclista chamou a polícia, que por sua vez chamou a legista assis-

tente estadual. A jovem patologista ordenou a remoção do corpo para sua sala de autópsias, em Newark, e ali, com seus auxiliares, começou a examiná-lo. Todos usavam máscara e bata.

Ao abrir o saco, a legista foi assaltada por enxames de moscas que voaram do corpo. A seguir, hordas de besouros. Corriam para fora de



Kane examina uma foto de cadastro de Kuklinski.

cada orifício do cadáver, pelos braços da examinadora acima e em torno de seu pescoço.

— Diabo! — praguejou ela, mexendo-se nervosamente.

Mas os bichos eram aliados seus. Examinando-os e os estágios de seu desenvolvimento, ela podia determinar quando se tinham propagado. Com base nisso, e medindo o processo da esqueletização, concluiu

que aquele que jazia à sua frente havia morrido no inverno anterior.

Em seguida, tirou-o dali. Tratava-se de um homem robusto, com quase 1,90 m. Seu corpo pesava agora 78,5 kg, mas em vida tinha pesado mais. Uma vez que a vítima era corpulenta e seu corpo estava tão longe da estrada, ela concluiu que deveria ter sido carregado ou por uma pessoa forte ou por várias.

Apesar de presumir que tinha sido assassinado (por que outra razão teria sido tão cuidadosamente embrulhado e arrastado para a mata?), não conseguiu encontrar qualquer sinal de violência. Havia apenas uma equimose em seu pescoço.

Isso poderia querer dizer que tinha sido estrangulado. «Estranho», pensou. Se um homem novo e saudável é estrangulado, o normal seria esperar que nele se encontrassem arranhões e equimoses, indicações de que tinha tentado se defender.

Surpreendentemente, seu estômago ainda continha alguma comida. Isto poderia significar que tinha morrido enquanto comia ou pouco depois.

Com base nos relatórios subsequentes da toxicologia, a legista ficaria sabendo que nada havia sido encontrado nos tecidos do corpo, apesar de isso não excluir a hipótese de envenenamento. Alguns venenos, como cianeto, deterioram-se rapidamente nos tecidos.

No estômago do homem havia feijão cozido, entre outras coisas. Os feijões estavam queimados, sugerindo que se tratava de um prato casei-

ro. Nenhum cozinheiro de restaurante serviria algo assim a seus frequentes.

Nos bolsos do morto havia maços de recibos de um motel. Aparentemente, ele tinha vivido nesse lugar, cozinhando suas próprias refeições em vez de comer fora.

A médica supôs que se tratasse de um fugitivo. Que outro motivo ele teria para comer feijão queimado num quarto de motel? «Possivelmente», pensou, «a polícia andava à procura dele.»

Por fim, dentro de sua carteira encontrou muitas fotos. Estavam coladas umas às outras. Separadas cuidadosamente, podiam-se ver ali rostos de crianças. Secas, elas foram enviadas para o promotor público.

Na promotoria, funcionários colocaram os retratos sobre uma mesa perto de um corredor central, na esperança de que algum transeunte pudesse parar e identificá-los. Por acaso, um deles era um investigador distrital que conhecia Pat Kane e estava a par da investigação.

«Conheço essas crianças», pensou Pat, «mas não consigo me lembrar onde as vi.» Então, de repente, lembrou-se: «Meu Deus! São os filhos de Barbara Deppner!»

Quebra-cabeça maligno

Dentro de horas, a notícia chegou a Kane, e Barbara foi trazida ao gabinete do procurador público. Ali, confirmou o que o detetive temia: Danny Deppner era a vítima.

Isso queria dizer que Kane tinha

agora dois assassinatos, mas ainda nenhuma prova de que Kuklinski era o autor. Não havia testemunhas oculares nem provas materiais.

Geralmente, *um* caso de assassinato é o suficiente para um detetive trabalhador. Agora, Kane contava com dois. A pressão sobre ele aumentava.

No passado, quando chegava à noite em casa vindo do trabalho, ansiava por ver os filhos.

— Papai! — gritavam eles, saltando em suas costas, e Pat dava voltas com eles, que gritavam deliciados.

Hoje, quando eles vinham correndo para brincar, ele pedia:

— Agora, não.

Servia-se de uma bebida e ficava pensando no caso. Cada vez mais, só pensava em Richard Kuklinski.

— Pat — dizia Terry —, o que está acontecendo? Você está agindo dessa maneira desde que aquele ladrão morreu. Isso está estragando nossa vida!

— Não está acontecendo nada — respondia ele. — Me deixa quieto.

Ele ficava ali sentado, com aquela sua «cara de trabalhar», que é como Terry a chamava.

Para aumentar sua frustração, Kane ficou sabendo que Kuklinski não podia ser seguido.

— Tentei uma vez — avisou um colega —, mas ele verifica sem parar se há alguém atrás dele.

Kane conseguiu que um policial de Dumont passasse de carro pela casa de Kuklinski e anotasse as placas dos carros em frente de sua casa. Também investigou o lugar que

chamavam «a loja» em Paterson, para onde ia, segundo o informante, todo o saque. Ela se revelou um lugar estranho e interessante. Era uma loja de um único andar no meio de uma série de casas de varejistas. Não tinha tabuleta na porta, mas muita gente entrava e saía dali o dia todo.

«Eu adoraria ir lá», pensou o detetive, «mas eles iam me sacar na hora. Tenho de encontrar outro jeito.»

Seu instinto lhe dizia que, com base no que lhe era dado ver, Richard Kuklinski era um assassino profissional que usava a máscara da respeitabilidade. Sabia que ele já não era jovem. «Ora, um homem não começa a matar na meia-idade», raciocinava Pat. «Por que então não tem antecedentes criminais?»

Com o arrastar do caso, o detetive foi se tornando cada vez mais irritável, e sua caótica vida familiar continuava a se desgastar. Mas ele não conseguia relaxar. Depois do trabalho, saía para longas e extenuantes corridas. Ao voltar para casa, ia direto para o porão, onde pendurara um saco cheio de trapos e roupas velhas. Usava-o como substituto do saco de areia, socando-o furiosamente até os nós dos dedos ficarem em carne viva.

Via Kuklinski como uma espécie de gêmeo — um homem como ele, só que com uma queda para o mal. Ambos eram maridos, ambos tinham filhos, ambos viviam a vida de um homem de família. Como ele, Kuklinski era católico e, também como Kane, também tinha sido menino de coro. Para o detetive, era uma

ironia incrível que seus anos de formação fossem tão obviamente semelhantes. Mas a vida de Kuklinski tinha-se desenvolvido obscura e distorcida, acobertada por nada mais do que um ar de decência.

Estava decidido a não desanimar. «Não me meti nisso para desistir», pensou. «Vou até o fim.»

O jeito suave de Kane escondia uma tenacidade de bulldogue, que enganava até seus amigos e colegas de trabalho. Ele havia entrado para a polícia depois de servir na Força Aérea, onde se havia formado em técnico de radar. A coisa fora dura, mas ele não desistira, muitas vezes tendo de estudar até bem depois da meia-noite. Quando acabou, tinha-se tornado um dos maiores peritos de radar de sua unidade de aerotransportados.

Agora, sua tenacidade estava sendo posta à prova de novo. Obsessivamente, ele estudava o caso à procura de possíveis pontos fracos, chegando à conclusão de que provavelmente o elo mais fraco seria o chefe do bando dos assaltos, Percy House, na cadeia há meses. Tinham-lhe dito que ele começava a ceder.

Ninguém está seguro

Percy era uma figura repugnante. Rufião, atarracado, era um homem de péssimo gênio. Nas águas infestadas de tubarões do crime nas quais nadava, só Kuklinski era mais intimidante.

— House — disse Kane —, faço um acordo com você. Quero que me

ajude a caçar o Kuklinski. Se você recusar, fica na cadeia. Se ajudar, pode haver um acordo.

House ficou taciturno. Não gostava de policiais e nem da idéia de trair o outro. Mas, olhando para aquela cela fria e úmida, suas perspectivas não eram lá muito promissoras.

— Vou lhe dar alguns nomes — disse com relutância. — Não vou lhe dizer que o Big Rich os matou. Só digo que algumas pessoas *dizem* que ele os matou. Vá verificar.

O primeiro nome a ser mencionado foi o de Louis Masgay, dono de uma loja em Forty Fort, na Pensilvânia. A 1.º de julho de 1981, Masgay saiu de casa dizendo que ia de carro até um restaurante em Little Falls, Nova Jersey, onde Kuklinski o aguardava para lhe vender uns videocassetes.

Levava consigo mais de 85 000 dólares, todo o dinheiro que tinha. Não voltou, e sua mulher preencheu um impresso de pessoa desaparecida, descrevendo sua *van* e suas roupas naquele dia.

O dinheiro nunca foi encontrado. A família perdeu tudo. O carro foi encontrado, mas Masgay desapareceu e, dois anos depois, ainda não havia sinais dele.

A outra vítima era um farmacêutico que desaparecera em abril de 1982, depois de se encontrar com Kuklinski para comprar produtos farmacêuticos.

Em ambos os casos, Kuklinski tinha sido interrogado, e ambas as vezes tinha negado sequer conhecê-los.

O caso tornou-se mais sombrio quando Kane falou com um promotor público cujo gabinete ainda tentava encontrar o farmacêutico.

— Kuklinski? — respondeu, pensativamente, o promotor.

— Conheço esse nome, mas não do caso do farmacêutico.

Disse que o nome tinha surgido alguns anos antes, relacionado com a morte de outro homem, George Malliband, um grande jogador que, segundo constava, devia bastante dinheiro a agiotas. A 1.º de fevereiro de 1981, Malliband fora brutalmente assassinado. Tinha sido baleado, e seu corpo, desmembrado e enfiado num tonel, fora atirado de um penhasco por trás de uma fábrica de produtos químicos em Jersey City. Antes de desaparecer, ele havia dito a seu irmão que ia encontrar-se com um homem chamado Richard Kuklinski.

Apesar das suspeitas, a polícia não tinha provas. Ninguém tinha visto Kuklinski com Malliband, e ninguém podia ligá-lo à sua morte.

Kane se sentiu atordoado. Ali estava alguém que cometia assassinatos por toda parte, mas, como os crimes se davam em condados diferentes, ninguém via a relação entre eles.

Quando falou nisso a seus colegas, muitos pensaram que estava forçando a barra.

— Que é isso, Pat — diziam eles —, você está imaginando coisas.

Na central, o pessoal começou a rir às escondidas do Projeto Manhattan de Kane — seu enorme e crescente arquivo sobre Kuklinski, cujo

tamanho começava a se parecer com o da documentação da famosa investigação sobre a bomba atômica.

O pior é que alguns de seus chefes achavam que a teoria de Kane era pura invenção.

— Você tem um assassino em série que fuzila, estrangula e até usa veneno! — diziam — Ora, Pat, isso não tem consistência alguma.

E ele tinha de concordar. A maioria dos assassinos em série repetem um padrão que os denuncia. Mas isso só se aplica a assassinos com perturbações mentais. Kuklinski não matava por necessidade sexual ou emocional. Fazia-o por dinheiro ou simples necessidade.

Kane não queria que sua mulher, Terry, soubesse, mas começava a temer que o homem que ele perseguia tivesse começado a persegui-lo a ele. Kane receava que Kuklinski descobrisse em breve que Percy House havia falado com ele na cela. House era perfeitamente capaz de dar informações à polícia e avisar disso Kuklinski.

Ainda pior, sabia que Kuklinski não vivia muito longe. Ele bem podia cruzar com Terry no posto de gasolina local ou na fila da caixa de um supermercado. A própria normalidade da vida de Kuklinski e sua proximidade física faziam-no parecer ainda mais ameaçador.

— Terry — disse Kane uma noite depois de jantar —, tenho de lhe contar o que está acontecendo.

Terry sabia do bando de assaltantes e que o assassinato de Gary Smith tinha perturbado seu marido, mas

desconhecia a figura de Richard Kuklinski e a possibilidade de ele os atacar.

— Está vendo este homem? — perguntou Kane à mulher, mostrando-lhe a foto de Kuklinski.

— Se algum dia você o vir em nossa rua, telefone para mim imediatamente.

Terry olhava fixo para os olhos frios do suspeito.

— Quem é? — perguntou.

— Richard Kuklinski. É um assassino cruel e vive perto daqui. Vou descrever para você os carros que ele usa.

Terry olhou para a lista que Kane lhe deu e anotou as placas. Mas havia algo que lhe escapava.

— Por que é que ele só está atrás de nós? — perguntou. — Por que é que ninguém mais se preocupa com ele?

— Porque ninguém está vendo a coisa — explicou o Kane. — Mas creia-me: enquanto este homem estiver livre, ninguém estará seguro.

Fora de alcance

Sem Kane saber, seu chefe, John Leck, preocupava-se com ele. Sabia de sua frustração, mas também que seria difícil convencer seus superiores a lhe darem maior apoio. A polícia se ressentia de falta de pessoal e não se podia permitir o desperdício de recursos em assassinatos em outras jurisdições. Além disso, uma vez que as vítimas eram jogadores e ladrões de segundo time, ninguém se dispunha a destacar mais gente para

o caso. Para se avançar, era preciso produzir provas mais concretas.

Isso foi possível em setembro de 1983. O cadáver de Louis Masgay foi encontrado perto de um parque no estado de Nova York, embrulhado em sacos de lixo, tal como o de Dan Deppner. Havia sido alvejado na cabeça, depois guardado num congelador. Era uma óbvia tentativa de deter a decomposição e disfarçar a data da morte da vítima.

Suas roupas foram analisadas por técnicos. Condiziam com as citadas no formulário de pessoa desaparecida preenchido por sua mulher — as mesmas calças azul-escuras, a mesma camisa marrom. Isso queria dizer que tinha morrido no dia em que se tinha encontrado com Kuklinski. Ninguém mais ria do Projeto Manhattan de Kane.

Quando Leck soube disso, sacudiu a cabeça e disse:

— Pat, comecei a acreditar.

Com a autorização dele, Kane foi mais fundo no assassinato de George Malliband, o jogador que devia dinheiro a agiotas. Pensando que a Máfia podia estar envolvida, telefonou para a polícia de Nova York e mandou-lhes uma cópia da foto constante da ficha de Kuklinski.

Um informante identificou-o como «O Polaco», um assassino conhecido pelo modo como se livrava dos corpos. Constava que ele havia trabalhado com Roy DeMeo, assassino contratado da Máfia. DeMeo também tinha sido morto.

Kane não podia acreditar para onde o caso o estava levando — de pe-

quenos furtos à Máfia de Nova York. Sentiu-se atravessando um corredor cheio de portas. Sua vida estava se tornando uma investigação sem fim de vítimas de assassinato, com o assassino ainda fora de alcance.

Kuklinski tinha um monte de linhas telefônicas em sua casa e todos os meses pagava uma fortuna por isso. Kane obteve ordem de um juiz para examinar seus registros telefônicos.

— Olhe só isso — disse ele para Leck um dia.

Identificara um padrão interessante.

— Todas estas chamadas para um mesmo número e depois elas cessam completamente.

O detetive verificou e descobriu que um dos números era o de Louis Masgay.

— Curioso — comentou Leck —, uma vez que Kuklinski negou sequer conhecê-lo.

Numa manhã chuvosa de inverno, Leck ouviu seu detetive gritar:

— Bingo!

Kane entrou correndo em seu gabinete com sua última descoberta.

— Em dezembro de 1992, Smith e Deppner estavam escondidos no York Motel — disse ele. — Na mesma época, um telefonema foi dado da casa de Kuklinski para a recepção do York. Vamos ver se ele se livra desta, tenente.

Kane tinha agora pistas que ligavam Kuklinski a uma dúzia de assassinatos, mas ainda lhe faltava a prova sólida. Não havia nenhuma arma fumegante, nenhuma testemunha.

Ele precisava de algo que sustentasse uma acusação.

Isca humana

Quando não estava de serviço, Kane gostava de pescar. Sua paixão era certo peixe difícil de apanhar, uma espécie de lúcio que não se deixa enganar pela maioria das iscas de pesca. Sabia que se tratava de um animal muito apreciado por ser grande e arisco.

Um domingo, no lago, ocorreu-lhe uma analogia: Richard Kuklinsky era como esse peixe. Talvez pudesse ser apanhado como um.

Kane já estava há quatro anos no caso e achava que conhecia sua presa.

— Tenente — disse a seu chefe numa manhã —, preciso de um homem que possa caçar o Kuklinski.

— Quem é que você tem em mente? — perguntou Leck.

— Na semana passada, falei com um promotor público que conhece um excelente agente secreto. Se o usarmos como isca, talvez Kuklinski baixe um pouco a guarda.

Leck concordou, e, no princípio de abril, Kane foi até Trenton. Ali, no gabinete do procurador-geral, encontrou-se com um homem que podia ter saído de um filme da Máfia. Dominick Polifrone, 39 anos, era completamente diferente de Pat Kane, ou pelo menos tanto quanto dois policiais podem ser. À descrição de Kane o outro opunha arrogância e irreverência — mas um agente da inteligência de alto gabarito.

Dom Polifrone trabalhava para

o Departamento do Alcool, Tabaco e Armas de Fogo (sigla, em inglês, ATF). Sentado, ele ouviu Pat Kane expor seu caso.

— Você está dizendo que esse cara matou todo esse pessoal?

— Estou — confirmou Kane.

— Mas é incrível!

O que se precisava era de um bom agente infiltrado que conseguisse ganhar a confiança de Kuklinski, prosseguiu Pat. Polifrone era o candidato ideal. Tinha feito o papel de um vivaldino de Nova York, sob o nome Dom Provenzano, uma figura profundamente metida com a Máfia durante vários anos. Ajudara a caçar alguns de seus maiores operadores sem que ninguém da organização criminosa desconfiasse dele. Dom Provenzano não tinha endereço localizável e apenas trabalhava através de um bip telefônico. Se alguém o investigasse, descobriria que havia mandados contra ele.

Mas o agente suspirou.

— Não sei, não — disse a Kane.

— Vou agir sob que pretexto?

Polifrone era pago pelo Departamento do Tesouro, e o ATF não investigava casos de homicídio.

— Armas de fogo — respondeu Kane. — Ele está envolvido com o tráfico de armas.

Dom assentiu com a cabeça.

— Isso basta — disse, e em poucas horas tinha obtido a aprovação de seu departamento.

Um agente do FBI arranhou um informante que estaria na «loja» que Kuklinski freqüentava em Paterson. Esse informante responderia pelo

agente travestido em Dom Provenzano.

E assim, numa ensolarada manhã de 1985, um estranho apareceu subitamente na «loja». Como o agente viu logo, o lugar não tinha tabuleta com nome. Havia ali expostos apenas alguns velhos eletrodomésticos. Ele passou pela porta. Um grupo de homens estava reunido furtivamente.

— Eh, Dom! — gritou um deles, acenando-lhe.

A partir desse momento, ele estava dentro.

Na rua, Kane vigiava sentado num carro da polícia sem identificação. Passaram-se alguns minutos. Nenhuma atividade. Voltou a verificar a trava de segurança de sua pistola. «Se ao menos pudéssemos ter um sinal», pensou. Mas sabia que não havia jeito de se comunicarem.

Por fim, viu o agente sair. Continuou olhando, enquanto Dom atravessava a rua, e então relaxou. Tudo tinha saído como o esperado.

O agente da ATF começou a visitar a «loja» quase diariamente, e logo se espalhou que Dom Provenzano podia arranjar a um criminoso tudo o que quisesse: pistolas, silenciadores, armas de assalto, drogas. O agente conseguiu esta reputação exibindo suas mercadorias.

— Olhe só — dizia ele, por exemplo, abrindo uma mala.

Dentro havia explosivos e silenciadores. Alguns *gangsters* presentes faziam-lhe ofertas.

— Não dá pra passar isto — respondia o homem da ATF. — O material já está prometido para Nova

York. Mas há muito mais de onde ele veio.

Tinha de ser esquivo. Caminhava sobre um fio de navalha legal. Não lhe era permitido vender de verdade armas, mas tinha de convencer os criminosos de que o fazia.

Tudo corria bem, exceto quanto a um problema. Kuklinski, que tinha freqüentado regularmente a «loja», de repente começou a se recusar a aparecer.

— Ele está sabendo — afirmou um dos policiais que o vigiavam com Kane.

— Não pode ser — disse Kane, mas no fundo não tinha certeza.

— Acho que o perdemos — confidenciou à sua mulher uma noite.

— Todo mundo estava certo. Ele é esperto demais para mim.

Uma visita arrepiante

Em agosto de 1986, o jovem detetive já tinha perdido a paciência. Depois de 18 meses de uma operação secreta, nada tinha para mostrar. Kuklinski nem sequer saía de casa.

— Quero fazer alguma coisa que o sacuda.

— Como, por exemplo? — perguntou Leck.

— Imagine que lhe faço uma visita apenas para lhe sacudir a jaula. Pode ser que ele reaja. Não temos nada a perder.

Ele sabia que isso poderia ser arriscado. Ao interrogar Kuklinski, irim deixá-lo em alerta total, mas era preciso fazer alguma coisa que lhes desse um novo impulso.

— Está bem — disse Leck. — Mas tenha cuidado, hein?

No dia seguinte, num carro não identificado da polícia, Kane e um colega foram até a cidade de Dumont e pararam junto à calçada, perto da casa de Kuklinski.

Apesar de conhecê-lo, Kane nunca o vira cara a cara, exceto na velha foto da polícia. A idéia de enfrentar o assassino fez que seu pulso disparasse.

Tocou a campainha. A porta interior estava aberta, mas não se conseguia ver nada através da porta de tela.

— O que é que vocês querem? — disse uma voz profunda, e, de repente, Kuklinski estava à sua frente, com um grande cão de guarda a seus pés.

Richard Kuklinski era enorme, com 1,95 m de altura e pesando perto de 120 kg. Os braços eram grossos e poderosos, e ele se erguia ameaçadoramente sobre os dois homens.

Os detetives se apresentaram.

— Gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas sobre uns homicídios que estamos investigando.

Seu rosto se manteve impassível. Parecia-se com a foto que Kane tinha visto, mas havia uma frieza que nenhuma fotografia seria capaz de reproduzir. Lentes escuras mantinham seus olhos ocultos.

Perguntaram-lhe se conhecia Louis Masgay e Daniel Deppner. Kuklinski encolheu os ombros.

— Não conheço nenhum deles.

— E Roy DeMeo? — perguntou.

Então viu as maxilas do homem

se apertarem. Kane esperava que a referência a DeMeo conseguisse uma reação. Represálias da Máfia eram piores do que interrogatórios da polícia.

— Quem? — perguntou Kuklinski.

— DeMeo — repetiu Kane. — Você trabalhou com ele.

Kuklinski fez uma pausa. Os detetives ficaram tensos. Sob o casaco, Kane podia sentir o peso de sua arma. Olhou para o gigantesco cão de guarda e mediu o espaço que os separava.

— Entrem aqui — disse Kuklinski, acedendo subitamente, e abriu a porta.

Apesar de estar um dia luminoso, dentro da casa estava escuro porque as persianas ficavam fechadas. Era como entrar numa caverna. Kane reparou que Kuklinski nunca tirava os óculos escuros.

— DeMeo, não é? — disse ele. — Sim, conheci-o.

Sentou-se numa desconunal poltrona. O cachorro aninhou-se no chão a seu lado.

Kane sentou-se e olhou em torno. A casa não era muito diferente da sua. Havia um retrato de marido e mulher sobre a lareira, a imagem do casal unido e feliz. Tinham três filhos. Eram uma típica família de classe média, exceto que o homem que Kane via à sua frente não era um pai e marido extremoso, mas um assassino calculista.

— Vocês sabem que eu o conhecia — prosseguiu ele.

Disse estar a par de que o pessoal

da polícia de Dumont vinha vigiando sua casa.

— Eles viram o carro de DeMeo, portanto, por que é que eu havia de mentir? Mas não sei quem poderia ter acabado com ele.

Era óbvio que não estava com medo. Mesmo assim, tinha cometido um deslize. Era verdade que a polícia vigiara sua casa, mas não que alguém tivesse visto DeMeo com ele. Esta era a primeira confirmação da ligação de Kuklinski a essa vítima de homicídio.

Mas quanto às outras perguntas feitas, não mais se obteve qualquer informação, e, passados alguns minutos, os detetives se levantaram.

— Não queremos mais incomodá-lo — disse Kane. — Mas se se lembrar de alguma coisa, avise.

Ao saírem, Kuklinski seguiu-os até o carro. Depois que partiram, ambos se inclinaram para trás e soltaram um suspiro de alívio.

— A referência a DeMeo atingiu-o — disse Kane. — Talvez esse pequeno aperto o faça ir à procura de alguém.

E foi o que ocorreu. A 2 de setembro de 1986, menos de uma semana depois da visita, o telefone da «loja» tocou em Paterson.

— É para você — ouviu dizer Dom Provenzano. — Big Rich quer vê-lo. Agora.

Contato mortífero

Era típico de Kuklinski. A ação tinha sido súbita e imprevisível. Há já um ano e meio que ele ouvia fa-

lar de Dom Provenzano, mas agora chamava-o sem avisar. O agente infiltrado não teve tempo para se preparar. Saiu sem avisar ninguém, nem Kane, nem seus superiores. Às 10.45 daquela cinzenta manhã de domingo, Dom chegou ao ponto de encontro, um Dunkin' Donuts. Conduzia um grande sedã Lincoln negro, o tipo de carro não raro usado pelos mafiosos.

Descobriu Kuklinski imediatamente. Saiu e aproximou-se do veículo.

— Oi — disse, sorrindo arrogantemente, e estendeu a mão para cumprimentar o assassino.

Em seu bolso esquerdo havia uma Walther PPK 380 automática. Durante os próximos 30 minutos, não a largaria.

O restaurante estava praticamente vazio. Depois de escolherem uma mesa afastada num dos lados, pediram café. Dom lembrava-se do aviso de Pat Kane:

— Faça o que fizer, não toque em nenhuma comida que tenha passado pelas mãos dele.

Depois de alguns preliminares, passaram ao negócio.

— Estava pensando se você não poderia me arranjar cianeto — disse Kuklinski.

O coração de Dom deu um pulso. Haviam acabado de se conhecer e já falavam em venenos. Mas riu:

— Ora, vá a uma loja de jardinagem!

Estava determinado a ser tão frio como o outro. Era a pose fundamental do bom mafioso.

— Sem essa — respondeu Kuklinski. — Tem de ser de primeira qualidade, o tipo de material que se consegue num laboratório.

Fez uma pausa e depois uma careta.

— Tem aí uns ratos que precisam ser exterminados.



O covil do assassino: a casa de Kuklinski no subúrbio de Dumont, em Nova Jersey.

Dom podia adivinhar de quem se tratava. Kane tinha previsto: «Ele vai ficar preocupado com o Percy House e a Barbara Deppner. Não vai descansar enquanto não impedi-los de falar.»

— Claro — disse o agente —, consigo sim. Mas, sabe, uma mão lava a outra, Rich. Tenho um cliente a fim de armas. Talvez a gente consiga montar aí um negócio.

Dom tinha uma história bem ensaiada sobre um contato com o Exército Republicano Irlandês, o IRA.

— Mas esses caras querem é artilharia pesada — disse. — Nada do que se arranja numa esquina.

Kuklinski assentiu. Achava que podia conseguir a coisa.

— Me deixe dar uns telefonemas — disse.

Pouco depois, o negócio estava fechado: armas em troca de cianeto.

Dom deu uma volta de carro no quarteirão e parou numa cabine telefônica.

— O homem mordeu a isca — disse para a sede.

Quando soube do encontro, Kane gritou de alegria. Finalmente, o peixe tinha mordido o anzol. O próximo passo era puxá-lo para o barco.

Tinham de fazer que se incriminasse. Precisavam de mais pessoal, especialistas em grampos telefônicos e equipes de investigadores.

Felizmente, a ajuda já vinha a caminho. O arquivo do detetive, que de uma simples pasta se tinha transformado numa maltratada caixa de papelão cheia de testemunhos, havia chegado à mesa de Bob Carroll, delegado do procurador-geral de Nova Jersey.

Carroll era um dos melhores acusadores do estado, e tinha a merecida reputação de construir e manobrar formidáveis casos de júri. Era o supervisor da Força de Intervenção do Crime Organizado e Contrabando de Nova Jersey, uma nova unidade concebida para se ocupar de crimes que abrangessem várias jurisdições. Estava sempre à procura de casos que justificassem a intervenção dessa unidade.

Um dia, sentado em casa revendo uma pilha de casos por resolver, pegou a caixa de Pat Kane. A prin-

cípio, folheou casualmente seu conteúdo amarelecido, fazendo uma pausa para beber chá gelado, mas, quanto mais lia, menos bebia. «É dos arquivos mais incríveis que já vi», pensou.

Ali estava um detetive que quase por sua conta tinha desvendado a ameaça, e, apesar de todo o seu meticuloso trabalho, o criminoso ainda estava livre. A polícia tinha sido incapaz de apresentar alguma acusação contra ele.

— Chefe — disse Carroll a seu superior no dia seguinte —, acho que encontrei um caso perfeito para nós.

«Operação Homem de Gelo»

A 6 de setembro de 1986, quatro dias depois do contato de Dom com Kuklinski, Pat Kane estava reunido com um grupo de homens num edifício discreto em Fairfield, Nova Jersey. Para Kane, o momento era gratificante. Finalmente, seu trabalho fora reconhecido. Seu projeto era o único agendado para essa noite. Agora, ninguém duvidava de suas teorias.

A força secreta de intervenção adotou o nome de código «Operação Homem de Gelo» — duplamente adequado, tendo em conta a personalidade do cruel assassino, que tinha abatido, envenenado e congelado suas vítimas.

Cercados de comida chinesa comprada ali por perto, Bob Carroll e Pat Kane dirigiram-se ao grupo, explicando todo o caso. Em seguida, a

equipe começou a elaborar uma estratégia. O que o detetive Kane tinha reunido era tremendamente valioso, mas ainda lhes faltava o necessário para efetuar uma detenção. Tinham de fazer que Kuklinski se incriminasse.

Decidiram que Dom, o agente da ATF, continuaria a extrair fatos de Kuklinski que pudessem ser relacionados com as informações do ar-

quivo de Pat Kane. Já sabiam que ele andava à procura de cianeto. Começariam por aí.

Sugeriram que ele lhe fizesse perguntas sobre o veneno: Como é que funcionava. Não deixava mesmo vestígio? Como podia ser usado para enganar um médico legista? Ao conseguir respostas do arrogante assassino, talvez pudessem encontrar ligações com outros homicídios —

NO PRÓXIMO MÊS

Esteja atento a estes e a mais de uma vintena de outros artigos e seções que o farão rir, pensar, comover-se ou indignar-se, selecionados do que de melhor se publica no mundo.

COMO EVITAR UM DERRAME

Todos os anos, milhares de pessoas morrem ou ficam seriamente afetadas por terem sofrido uma lesão vascular cerebral. Você vai conhecer as causas de um derrame e as novas terapias em uso.

CHILE: UMA APOSTA NO FUTURO

Desde que a democracia foi restaurada, os dólares não têm parado de afluir a Santiago. O Chile ambiciona agora ser o quarto membro da NAFTA, o Acordo de Livre Comércio da América do Norte.

ALIMENTOS QUE DÃO ENERGIA

A comida é o combustível do seu corpo. Consumindo alimentos de alto valor energético, aquele cansaço que você sente em meio ao dia de trabalho poderá desaparecer. Saiba quais são estes alimentos.

A FUGA OU A MORTE

Srebrenica estava prestes a cair nas mãos dos sérvios. Se Bekir e Ramiz, dois irmãos muçulmanos bósnios, ficassem, seriam certamente vítimas da «limpeza étnica». A solução era fugir...

AUMENTE O Q. I. DO SEU FILHO

Os genes é que determinam o coeficiente de inteligência, mas os pais podem contribuir para o desenvolvimento intelectual dos filhos, sobretudo se lhes derem atenção nos primeiros anos de vida.

talvez até no caso de vítimas desconhecidas, processos que permaneciam por resolver em seus arquivos.

O grupo estabeleceu um elaborado sistema de vigilância. Puseram sob escuta todas as linhas telefônicas de Kuklinski, e Kane foi um dos destacados para controlá-las.

Assim, numa cidade próxima de Dumont, instalaram-se dois postos eletrônicos de escuta. Num deles havia telefones e gravadores; no outro, mesas de som onde as gravações eram transcritas e analisadas.

Todas as manhãs, às 8 horas, Pat Kane ia de carro até um desses postos, batia três vezes à porta e entrava. Durante as dez horas seguintes, com Carroll e outros, procedia à análise exaustiva das ligações telefônicas.

Era uma missão tediosa e legalmente delicada, pois mesmo um suspeito de assassinato tem direito à privacidade. Era possível gravar todos os telefonemas, mas só podiam escutar os que fossem relevantes para a investigação.

Enquanto a equipe monitorizava a escuta, Dom continuava a se encontrar com Kuklinski. Usava um pequeno gravador e um transmissor de rádio que enviava todas as palavras às unidades de apoio. À noite, o grupo sentava-se naquele quarto cinzento e simples em Fairfield e repassava as gravações. Fazia também escuta direta, quando Kuklinski falava sobre matar gente.

Com o fim de setembro se aproximando, a mulher de Kane, Terry, podia sentir seu otimismo. Ele se es-

gueirava por trás dela e abraçava-a. Gastava algum tempo brincando com as crianças. Pela primeira vez desde o início do caso, começava a se comportar como o antigo Pat Kane.

O nó se aperta

Com o passar dos dias, o caso começou a avançar mais depressa.

— Como é que o cianeto funciona? — perguntou Dom uma vez enquanto falava com Kuklinski de uma cabine. — Por que não fuzilar logo as pessoas? Em minha terra, só usamos o pau-de-fogo.

— É que é discreto, meu amigo, e não faz tanta sujeira — respondeu Kuklinski. — Não sou avesso a um pouco de chumbo, mas existe mais de um jeito de fazer a coisa.

Pode-se misturar o produto com *ketchup*, explicou, e espalhá-lo num hambúrguer. A vítima morre em poucos segundos.

— Mas não tem gosto? — perguntou Dom.

— Não, se você souber misturar direito. E mesmo que o outro o sinta, já era.

As fitas rolavam e Kuklinski prosseguia. Também se pode meter o cianeto num vaporizador. A gente borrifa o cara com um *spray* nasal na rua, e quando ele cai, as pessoas pensam que foi ataque de coração.

Tais palavras fluíam nas gravações e ecoavam naquela pálida sala de reuniões. Kane e os outros escutavam, fascinados. Era como assistir a uma palestra sobre a arte de matar gente.

O raio de alcance dos assassinatos era espantoso.

— Pessoas morreram em todo o país — gabava-se Kuklinski —, e por processos que não foram de todo naturais. Já o fiz de todas as maneiras.

Quando ouviu isso, Kane sacudiu a cabeça.

— É como dizia Barbara Deppner: ele é o diabo — murmurou.

Kuklinski estava entrando em tantos pormenores assim a respeito do cianeto porque Dom lhe tinha acenado com uma nova isca: convencera-o de que podiam ganhar dinheiro envenenando alguém. A vítima, papel desempenhado pelo investigador criminal Paul Smith, era um rico traficante de cocaína que, segundo Dom, estava «achando que ia fazer um grande negócio. Acho que a gente pode despachá-lo e dividir o dinheiro que está com ele.»

A idéia agradou a Kuklinski. Era o gênero de traição que o seduzia.

— Mas quero que ele morra para que não haja problemas — acrescentou Dom.

Dom disse a Kuklinski que os pais de Smith tinham muito dinheiro e podiam contratar investigadores, por isso precisavam de alguma coisa infalível.

— Como é que a gente vai ter certeza de que funciona? — perguntou-lhe o agente, referindo-se ao efeito do cianeto.

Pode crer que funciona, garantiu o outro.

— O cara para quem eu estava olhando quase engoliu aquela dro-

ga de hambúrguer inteiro — contou ele. — Foi incrível. Ele devia ter a constituição de um touro — riu-se Kuklinski com deboche. — Mas quando foi, foi de vez.

Ao ouvir isto, Kane comentou:

— É o Gary Smith! Foi assim que Danny Deppner o descreveu a Barbara. Agora temos o Big Rich confirmando a coisa. Pouco a pouco, estamos fisingando o bicho.

Cada conversa fornecia novas pistas para o quebra-cabeça dos assassinatos. Sondando-o para obter mais informação, Dom voltou a falar de envenenamento.

— Mas não deixa mesmo vestígio?

— Não posso garantir que não — respondeu Kuklinski.

Mas contou que sabia de um caso que tinha enganado completamente os especialistas. O homem parecia ter morrido há pouco tempo, mas de fato morrera há dois anos.

— Verdade? — assombrou-se Dom. — Como você faz isso?

— Num congelador — contou Kuklinski. — Tudo se preserva. Ele estava vestido com as mesmas calças, a mesma camisa e o resto.

A reação de Kane:

— Nós não fornecemos esses dados à imprensa. Quanto ao Masgay, já o pegamos!

E assim a coisa continuou, gravação após gravação, com Dom explorando sua mina na perfeição. Quando o grupo de intervenção acabou seu trabalho, havia dúzias de gravações e centenas de páginas de diálogo incriminador.

A certa altura, Kane espantou-se por ouvir mencionar seu nome. Para mostrar como estava bem relacionado com as fontes de informação do crime, Dom disse durante um encontro em pessoa:

— Há um par de detetives que tem feito perguntas a seu respeito, Rich. Um dos caras se chama Pat qualquer coisa.

— Pois é — confirmou Kuklinski —, estou sabendo. Há anos que não me largam. Sou uma pedra no sapato deles. O problema é que eles sentem a fumaça, mas não conseguem encontrar o fogo.

Preparar a ratoeira

Este jogo de gato-e-rato de altas paradas continuou através daquele outono frio e úmido. No fim de novembro, a equipe ouviu algo que a aterrorizou. Enquanto organizava o esquema para matar Smith, Kuklinski dava a entender uma traição mortal: diria a Dom Provenzano que tinha as armas pesadas, e quando Dom aparecesse com o dinheiro, seria eliminado.

Avisado o agente infiltrado, ele insistiu que não temia a coisa.

— Ele não vai agir enquanto não tiver o cianeto — previu.

— Tem razão — disse Carroll. — Continuamos então com o planejado. Temos de apanhá-lo em flagrante envenenando alguém.

POR FIM, o dia chegou. A 17 de dezembro de 1986, exatamente quatro anos após o desaparecimento dos la-

drões de casas, Pat Kane se levantou de madrugada e nervosamente pôs no coldre a sua .9 mm negra. Terry já estava de pé. Tinha feito torradas e café para o marido.

Nos últimos dois anos, reparara como ele tinha envelhecido. Seus olhos tinham perdido aquela ingenuidade jovem. Seu rosto era agora o de um policial desgastado. Mas sua provação estava quase no fim. Era o dia do ajuste de contas — para ele e para o assassino que há tanto perseguia.

Mais ou menos à mesma hora, o chamado «Congelador» provavelmente já estava de pé, tomando seu café. À semelhança de Kane, usava talvez uma arma e, como ele, estava quase saindo para o trabalho. Durante todos esses anos, as vidas dos dois tinham seguido linhas paralelas. Agora, estavam prestes a convergir.

A armadilha, tal como tinha sido concebida por Kuklinski e pelo agente, consistia no encontro dos dois homens na área de serviço de Vince Lombardi, na auto-estrada de Nova Jersey. Ali, Dom entregaria o cianeto ao assassino. Mais tarde, Kuklinsky voltaria trazendo um sanduíche envenenado, que daria ao traficante de cocaína desempenhado por Smith. Só que, em vez de Smith, Kuklinski defrontar-se-ia com a força de intervenção.

O tempo nessa manhã estava úmido e cinzento. O tráfego na hora do *rush* estava lento. Como o planejado, às 8.45, Richard Kuklinski entrou no parque de estacionamento da área de serviço. Encontrou-se com

Dom Provenzano, que lhe passou um saco com três sanduíches e um vidro de cianeto — mais exatamente quinino em pó especialmente preparado no laboratório da polícia estadual.

Kuklinski disse que voltaria num furgão sem janelas, onde poderiam matar o traficante de cocaína sem serem vistos. O parque de estacionamento fervilhava de policiais. Numa *van* sem identificação, Kane e dois outros detetives observavam impacientes. Verificaram seus relógios. Eram 9.42.

Passou uma hora, e nada de Kuklinski. Muita coisa poderia correr mal.

— Operação Congelador: avançamos já? — ordenou o chefe.

— Avancem! — disse Kane.

O detetive que estava ao volante pisou no acelerador. Voaram em direção a Dumont.

A captura

Depois de se encontrar com Dom, Kuklinski tinha voltado para casa. Ali ele havia calmamente envenenado os sanduíches, e depois preparara-se para levar sua mulher a uma consulta médica. Era típico do sangue-frio com que fazia as coisas: um pouco de assassinato, um pouco de tempo para a família.

Ele e a mulher tinham entrado no carro, e, mal o casal ganhou a rua, a *van* de Kane apontou na esquina. O resto da equipe vinha logo atrás, numa pequena frota de carros sem identificação cheios de investigadores à

paisana, tropas em uniforme e agentes federais.

— Olha ele lá! — gritou Kane.

A *van* derrapou de lado para barrar o caminho a Kuklinski e parou guinchando. Kane e outros agentes saltaram e correram para o carro dele. Este, ao vê-los, pisou fundo no acelerador. Seu carro saltou para a frente, subiu na calçada e, com guinchos de pneus, esgueirou-se por entre os policiais.

Mas o resto da equipe já tinha chegado. Seus carros bloqueavam todos os cruzamentos. Kuklinski continuou, cortando caminho pelo gramado de um vizinho, dando cabo dele.

Um dos membros do grupo, Paul Smith, saltou de seu carro e ali ficou, de pernas afastadas, apontando sua arma para o veículo que se aproximava. Kuklinski apontou o carro para cima de Smith.

Os poucos segundos seguintes desenrolaram-se em câmera lenta. O carro continuava a avançar, mas o policial não vacilou, mantendo a pontaria. Por fim, Kuklinski diminuiu a marcha e parou bem junto dele.

Smith e Kane correram para o carro, e Smith escancarou a porta. Kuklinski remexia debaixo de seu assento, onde tinha escondido uma pistola.

— Não! — avisou Smith, enquanto encostava sua arma na orelha esquerda do assassino.

Kane e outros agarraram-no, arrastaram-no para fora do carro e atiraram-no no chão. Kane tentou algemá-lo, mas não conseguiu. Os pul-

sos do assassino eram tão grossos que ficava difícil fazê-lo. Por fim, ouviu o estalido de uma das algemas e, com toda a sua força, puxou o outro braço para cima e fechou a outra.

Só então Kuklinski reparou nos policiais em torno de sua mulher, que não entendia o que estava acontecendo. Ele rugia, parecendo um louco. Debatia-se, tentava levantar-se, esperneava. Vários membros do grupo de detenção lutaram e subjugaram aquele homem que gritava.

A 25 de maio de 1988, numa sala de audiências apinhada, em Hackensack, Nova Jersey, um juiz de ar severo ouviu Richard Kuklinski confessar os assassinatos de Louis Masgay e George Malliband. Já tinha sido considerado culpado dos assassinatos de Danny Deppner e Gary Smith. Sob a orientação habilidosa de Bob Carroll, procurador-geral assistente, a acusação tinha erguido um caso sem defesa possível.

Entre as testemunhas, estavam Pat Kane, Dom Polifrone e Percy House, que tinha passado de cúmplice a testemunha de acusação. O mais incriminatório para o júri foi o fato de a polícia ter encontrado quiniño, o cianeto falso, nos sanduíches.

Foi o suficiente para decidirem que Kuklinski havia matado Smith e Deppner, o que o levou a confessar os outros homicídios.

No final, o réu foi condenado a quatro penas de prisão perpétua. Não poderá sair em liberdade condicional antes do ano 2046.

Em entrevistas na prisão, Kuklinsky admitiu posteriormente ter matado pelo menos outras cem vítimas. Quando o tribunal perguntou por que trucidara Malliband e Masgay, respondeu:

— Foi por negócios.

Pelo seu trabalho, Pat Kane e o agente infiltrado Dom Polifrone receberam vários prêmios e louvores. Polifrone é hoje supervisor na ATF. Kane foi promovido a tenente.

Trabalha agora na sede da divisão, onde se encontra destacado para o Departamento Marítimo da Polícia Estadual, o que lhe dá a oportunidade de sair em seu barco e navegar pelos lagos onde sabe que os peixes se escondem.

Segundo consta, as autoridades estão pensando em encher esses lagos de lúcio. Quando ouve isto, Kane sorri e encolhe os ombros. Acha que já pegou o seu.

FOTOS: PÁGINA 119, © DE NEW JERSEY COURT POOL PHOTO/THE RECORD, HACKENSACK, NOVA JERSEY; PÁGINAS 120 E 125, © DE LISA QUINONES/BLACK STAR; PÁGINA 135, © DE RICH GIGLI/THE RECORD

Haja saúde!

CIRURGIÕES e outros médicos têm interferido nos casos uns dos outros há tanto tempo que as suas concorrências foram registradas num adágio: «O cirurgião faz tudo, mas não sabe nada; o médico sabe tudo, mas não faz nada; o psiquiatra não sabe nem faz nada; e o patologista sabe tudo, mas é tarde demais.»

Wayne Miller, *The Work of Human Hands* (Random House)

(Entre Aspas)

A ADVERSIDADE leva alguns a serem vencidos e outros a baterem recordes.
— William Arthur Ward

MINHA teoria é a de que nossos erros são as únicas coisas originais que fazemos.
— Billy Joel, citado por Bill DeMain em *The Performing Songwriter*

ÀS VEZES, a notícia está no que se diz; em outras, no silêncio.
— Thomas L. Friedman, em *The New York Times*

ALGUMAS das maiores façanhas do mundo foram feitas por pessoas que não eram suficientemente espertas para saberem que elas eram impossíveis.
— Doug Larson, United Feature Syndicate

O CARÁTER consiste no que se faz à terceira e quarta tentativas.
— James A. Michener, *Chesapeake* (Random House)

NÃO HÁ empregos medíocres, só atitudes medíocres.
— William J. Bennett, *The Book of Virtues* (Simon & Schuster)

QUALQUER um gostaria de ter sabido tudo antes.
— Nelson De Mille, *The Talbot Odyssey* (Warner)

PROCURE primeiro entender e só depois ser entendido.
— Beca Lewis Allen, *A Woman's ABCs of Life* (World Leisure Corp.)

UMA EDUCAÇÃO superior deveria preparar-nos para produzir três coisas: um amigo, uma idéia e uma personalidade.
— Thomas Ehrlich, *The Courage to Inquire* (Indiana University Press)

ONDE há muito amor, há sempre milagres.
— Willa Cather, *Death Comes for the Archbishop* (Knopf)

ESCUTAR, e não imitar, pode ser a mais sincera forma de lisonja.
— Joyce Brothers

POSSO resumir em três palavras o que aprendi sobre a vida: a vida continua.
— Robert Frost